

CIDADE: LUGAR DE ENCONTRO OU EXCLUSÃO? ♦

CSEM*

Em épocas passadas, as cidades eram os lugares onde encontrar segurança e proteção. Os espaços urbanos, cercados por fossos e muros, eram construídos para proteger os cidadãos dos *inimigos externos*, dos invasores. Hoje, ao contrário, as cidades transformaram-se, pouco a pouco, em fontes de perigos e insegurança. O pluralismo e a diversidade, que caracterizam a vida urbana, oferecem amplas e diversificadas oportunidades, mas, simultaneamente, alimentam uma constante sensação de medo e incerteza. A alteridade é, ao mesmo tempo, atrativa e ameaçadora.

Diante desta nova conjuntura, as cidades de hoje são construídas objetivando proteger cidadãos dos supostos *inimigos internos*. Multiplicam-se os que Bauman chama de “guetos voluntários”, ou seja, espaços fechados e condomínios rigorosamente vigiados para abrigar, separar e isolar determinados grupos sociais dos demais. Desta forma – pondera o sociólogo polonês – “os lares de muitas áreas urbanas de todo o mundo agora existem para proteger seus habitantes, não para integrar as pessoas com suas comunidades” (cf. *Tempos Líquidos*). As cidades são planejadas para separar, não para criar pontes; elas visam desintegrar antes que integrar.

É nesta conjuntura que se inserem as migrações. Estudos demonstram que o fenômeno migratório acompanha o processo de urbanização, sem claro, ser esta sua única causa. Difícil analisar um sem se debruçar também sobre o outro. E essa parceria vai muito além do êxodo rural. Atualmente, outros fenômenos estão ligados a essa dupla, como o movimento inverso (urbano-rural), causado pelo inchaço populacional dos centros urbanos e a conseqüente violência urbana.

No âmbito do Brasil, o processo de urbanização, intensificado em meados do século XX, foi acompanhado também por um crescente fluxo migratório de pessoas em busca de emprego e melhores condições de vida. Além da tradicional migração rural-urbana, o país apresenta também intensos fluxos migratórios entre centros urbanos, sendo que geralmente áreas menos desenvolvidas ou com economia estagnada perdem mão de obra para áreas mais atrativas economicamente. Um exemplo disto foram as históricas migrações de nordestinos em direção a região sudeste, mais especificamente, para o estado de São Paulo, bem como o que está acontecendo atualmente no Rio Grande do Sul, onde estatísticas apontam que 51% dos municípios gaúchos estão assistindo uma verdadeira sangria de sua população que vai em busca de centros mais industrializados que oferecem maiores possibilidades de trabalho.

Novas modalidades desse antigo fenômeno também tem surgido, como a migração indígena para centros urbanos, que tem sido crescente nos últimos anos. Qual o significado destas migrações para estes povos, seriam as terras indígenas que não tem respondido as necessidades básicas de sobrevivência? Qual o impacto dessas mudanças nas características culturais destes povos? Como fica a questão da cidadania para os índios citadinos uma vez que todas as políticas públicas voltadas para estes povos são geograficamente determinadas, se restringindo aos territórios indígenas?

♦ Editorial da Resenha Migrações da Atualidade n. 74, março/2009 publicada pelo CSEM.

* Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios de Brasília (csem@csem.org.br)

Em geral, a decisão de deixar localidades rurais ou pequenos centros urbanos para migrar para grandes cidades extrapola um anseio individual pela modernidade em detrimento ao tradicional do rural, apesar da decisão em si ser tomada individualmente ou no seio familiar. Geralmente, os fluxos migratórios estão inseridos na atual lógica capitalista, uma vez que eles representam materialmente indivíduos que se deslocam para se inserirem na relação salarial. Questões conjunturais, como é o caso da atual crise internacional, também influenciam diretamente neste processo. Exemplificando, tem-se o caso dos imigrantes mexicanos ainda não estabilizados nos EUA que têm retornado a sua terra de origem em virtude do desemprego que afeta a economia norte-americana em tempos de recessão. Outro exemplo de influência conjuntural é a China, onde milhões de chineses tem deixado suas propriedades rurais no interior do país em busca de oportunidades na cidade em virtude da abertura econômica pela qual o país vem passando.

A presença dos migrantes nas cidades, frequentemente, alimenta um clima pluralista. Migrantes oriundos de diferentes regiões e também diferentes países contribuem para a diversidade de manifestações culturais existentes nas cidades, seja pela venda de artesanato, shows musicais ou ainda restaurantes de comida típica, centros de convivência. Na atualidade é muito difícil um migrante residente em algum centro urbano não ter referenciais de sua própria região de origem naquela localidade. É claro que a facilidade na troca de informações e difusão cultural que a tecnologia atual permite é em grande parte responsável por isso. Mas sem dúvida a presença física de conterrâneos é muito mais significativa quando falamos em sentimentos.

O pluralismo cultural urbano, incentivado pelas migrações, pode ser interpretado como uma riqueza, uma oportunidade, mas também como uma ameaça para a assim-chamada cultura ou identidade local. O diferente traz uma imprevisibilidade que alimenta medos e fobias. Além disso, a migração para os centros urbanos tem resultado em cidades com inchaço populacional que, por sua vez, apresentam um crescimento espacial desordenado e carente de infra-estrutura adequada. Além disso, problemas como falta de emprego, serviços de saúde e educação limitados deixam grande parcela da população urbana marginalizada e em situação de vulnerabilidade.

Assim, milhões de migrantes acabam ingressando em médias e grandes cidades, em busca de ascensão social, inclusão biológica – sobrevivência – e inclusão social – plena cidadania. No entanto, em centros urbanos repletos de “guetos voluntários”, esses migrantes, muitas vezes, são obrigados a preencher os espaços dos “guetos involuntários”. Nas palavras contundentes de Bauman: “para os integrantes do gueto voluntário, os outros guetos são espaços em que ‘nós não vamos’. Para integrantes dos guetos involuntários, a área na qual estão confinados (por serem excluídos de outras) é o espaço ‘do qual não temos permissão de sair’”.

Esta nova realidade traz importantes conseqüências: em primeiro lugar, as elites que vivem separadas dos demais concidadãos tendem a menosprezar o compromisso com a cidade, tida sobretudo como lugar de onde fugir, física e espiritualmente. Em segundo lugar, a formação dos guetos voluntários acaba alimentando o próprio medo da alteridade, pois é justamente o desconhecimento do outro que produz medos e estereótipos. Em outros termos, nas palavras, de Bauman, os guetos voluntários são uma “cura patogênica”, remédios que alimentam a doença, na medida em que inibem aquela arte da negociação tão necessária para a convivência com o outro.

Diante disso, surgem as perguntas: como tratar do desafio da integração, da incorporação dos migrantes sem enfrentar o tema do planejamento urbano excludente?

Como promover uma cultura do encontro e do diálogo sem optar pela criação de espaços abertos e públicos que favoreçam o encontro e a interlocução de todos os habitantes urbanos? Como garantir espaços seguros e confiáveis sem respeitar os direitos humanos fundamentais de todos os residentes? E, mais ainda, como resolver esses problemas sociais sem enfrentar a questão da “insegurança existencial” inerente a cada ser humano?